



PROCESSOS IDENTITÁRIOS NO CIBERESPAÇO: VOZES TERENA NO FACEBOOK

Nair Cristina Carlos de Medeiros
(PPGLetras/UFMS)

Resumo: Os Terena tiveram seus modos de vida profundamente modificados em função dos processos de desterritorialização vivenciados e suas estratégias de sobrevivência construídas a partir de então. Diante dessas transformações, várias discursividades afirmam que os povos Terena abandonaram suas raízes, se aculturaram, se tornaram “índios urbanos” ou mesmo que “não são mais índios”. Neste contexto de estigmatização e de consolidação de sentidos vários sobre estes povos, buscamos problematizar o uso da rede social Facebook como ferramenta de (re)significação e (re)construção de sentidos por parte destes sujeitos. Em consonância com a perspectiva discursiva adotada, consideramos que o sujeito é múltiplo, heterogêneo, clivado e se encontra em constante transformação a partir de suas ações no mundo. Partimos dos conceitos de memória, interdiscurso e formações discursivas (Foucault, 1986; Pechêux, 2009) e da problematização de noções como identidade e processos identitários propostas por Hall (2006) e Coracini (2003). Os resultados apontam para: (1) identidades construídas a partir das relações territoriais que encenam o funcionamento de diferentes posições no discurso, constituídas em formações discursivas que estão relacionadas entre si por oposição. (2) a emergência de sentidos até então interditados nas diferentes instâncias de poder de atuação humana e (3) o Facebook se configurando como ferramenta que permite a circulação dessas vozes outrora silenciadas.

Palavras-chave: Povo Terena. Processos identitários. Facebook.

IDENTITY PROCESSES IN CYBERSPACE: TERENA VOICES ON FACEBOOK

Abstract: Terena peoples had their ways of life profoundly modified in function of the processes of desterritorialization experienced and their survival strategies built from then on. In the face of these transformations, various discursives claim that the Terena peoples have abandoned their roots, acculturated, became "urban Indians" or even "no longer Indians." In this context of stigmatization and consolidation of multiple meanings about these peoples, we seek to problematize the use of the social network Facebook as a tool for (re) signification and (re) construction of senses on the part of these subjects. In accordance with the discursive perspective adopted, we consider that the subject is multiple, heterogeneous, cleaved and is in constant transformation from his actions in the world. We start from the concepts of memory, interdiscourse and discursive formations (Foucault, 1986; Pechêux, 2009) and from the problematization of notions such as identity and identity processes proposed by Hall (2006) and Coracini (2003). The results point to: (1) identities built from the territorial relations that enact the workings of different discourse positions, constituted in discursive formations that are related to each other by opposition. (2) the emergence of meanings that were interdicted in the different instances of power by human acting, and (3) Facebook becoming a tool that allows the circulation of those voices once silenced.

Keywords: Peoples Terena. Identity processes. Facebook.

Introdução

O processo de diáspora vivenciado pelo povo Terena e seu posterior reajuntamento afetaram o modo de vida e produziram grandes transformações nas práticas culturais desse povo, que se viu, desde então, forçado a buscar novas estratégias de sobrevivência em um processo crescente de (re)territorialização e de busca de autoafirmação nos territórios ocupados. Devido a este processo, há um discurso corrente de estigmatização dos Terena que assevera que eles abandonaram suas raízes, se aculturaram, “deixaram de ser índios” ou se tornaram “índios urbanos”. Neste contexto de estigmatização e de institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito índio, propomo-nos a problematizar as representações imaginárias desses sujeitos sobre seus modos de vida, a partir de uma publicação na rede social Facebook.

Assumimos uma perspectiva teórica discursiva (Coracini, 2003) a partir dos recortes conceituais de memória, interdiscurso e formações discursivas, propostos por Foucault (1986) e Pechêux (2009) e da problematização de noções como identidade, processos identitários e fronteira realizadas por Hall (2006), Coracini (2003).

1. Referencial teórico

Diferentemente da concepção de sujeito cartesiana que assume um sujeito consciente, racional, fixo e capaz de controle da realidade e de si, na perspectiva teórica discursivo, consideramos que o sujeito é múltiplo, heterogêneo, clivado, “fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 1995, p. 11). Nessa perspectiva, a linguagem é opaca, lugar do equívoco, da cultura e da ideologia. Carregada de conteúdos simbólicos, através dela confrontamo-nos cotidianamente com o mundo, com os outros sujeitos, com os sentidos, com a história, contribuindo, com os nossos pensamentos e ações, para reproduzi-los ou transformá-los.

Efeito de sentidos entre sujeitos historicamente situados, a linguagem articula conflitos e relações de poder, constitui subjetividades e identidades. Se compreendermos as identidades como sendo formadas por fragmentos de crenças, valores, ideologias que nos precedem e que recebemos como herança – e que, por isto mesmo, podem sofrer modificações, transformações, – é possível afirmar que elas se constroem na/através da linguagem. Estes fragmentos de múltiplos fios dos discursos que constituem a memória discursiva se entrelaçam, se mesclam e se entretecem formando o interdiscurso (PECHÊUX, 2009). A esse conjunto de enunciados dispersos passíveis de agrupamento

em função de uma determinada regularidade entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, teremos uma formação discursiva (FOUCAULT, 1986).

Através dessa rede discursiva, expressamos e simbolizamos nossa realidade cultural, criamos e incorporamos experiências e nos constituímos enquanto sujeitos sociais. Assim, não podemos falar em identidades fixas ou permanentes, as identidades são formadas e transformadas continuamente, tornando-se uma “celebração móvel” (HALL, 2006). De acordo com Rajagopalan (1998), as identidades estão sempre em estado de fluxo, pois possuímos inúmeras matrizes identificatórias e somos portadores de várias identificações. Se esse sujeito, como dissemos, é múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo. Por isso, compreendemos que a identidade somente pode ser capturada por irrupções diversas no fio do discurso, quando o sujeito, inconscientemente, permite vir à tona a sua heterogeneidade.

Sob essa perspectiva teórica e considerando a institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito Terena - que o discursivizam como indígenas que abandonaram suas raízes, se aculturaram, se tornaram “índios urbanos” ou que não são mais índios - problematizamos as representações imaginárias desses sujeitos sobre suas formas tradicionais de vida em relação com as formas de vida consideradas próprias do branco.

2. Os povos Terena entre saberes e modos de vida

Os povos Terena constituem a segunda maior população indígena de Mato Grosso do Sul (MS), contando atualmente com aproximadamente 25.000 pessoas vivendo em um território fragmentado e espalhado por municípios do MS em nove Terras Indígenas. Possuem presença marcante no cotidiano da vida sul mato-grossense, seja por sua participação nas relações de comércio informal pelas ruas das cidades onde residem, seja na realização de trabalho temporário informal nas fazendas da região. Estas práticas econômicas podem ser melhor compreendidas ao considerarmos que a história deste povo se confunde com a história de lutas e reivindicações de seus territórios originais, trajetória marcada pela rejeição e pela negação da sociedade envolvente. Dentre as estratégias adotadas, as mais comumente apontadas têm sido a abertura para o diálogo e a negociação, a facilidade de se abrir para o exterior, buscando incorporar ao seu patrimônio cultural, as experiências, práticas e memórias de outros povos. (AZANHA, 2005). Neste contexto, os Terena ora são discursivizados como índios

dóceis, ora como índios interesseiros, ora como índios urbanos ou não índios (VARGAS, 2011).

É neste quadro de institucionalização de sentidos vários sobre o sujeito índio Terena que pretendemos problematizar as representações imaginárias desses sujeitos sobre suas formas tradicionais de vida em relação com as formas de vida consideradas próprias do branco. Procedemos à análise de dois recortes discursivos que compreende um conjunto de dados levantados a partir de postagens publicadas no Facebook por sujeitos indígenas Terena e apresentamos as diferentes formações discursivas, os interdiscursos e os efeitos de sentido possíveis que perpassam a memória discursiva dos Terena.

No recorte, o sujeito (S) relata os estragos provocados por um temporal nas casas da aldeia em que vive¹, buscando convencer o seu povo de que as casas de sapé são melhores que as casas de alvenaria. Podemos depreender neste trecho posições sujeito diferentes: há uma posição de identificação com os costumes do branco que advogam a modernidade e o progresso, representados pela casa de alvenaria e outra posição de identificação com os costumes dos índios, os saberes tradicionais, representados pela casa de sapé e transmitida, segundo o enunciado, pelos antepassados. Tem-se assim em relação de oposição o conhecimento hegemônico ratificado pelos estudos científicos da engenharia de edificações e cálculos matemáticos e o conhecimento subalternizado, obtido através da experimentação, e observação e transmitido pelos ancestrais.

¹ Importante contextualizar que, nos últimos cinco anos, através de projetos e incentivos vários, os órgãos governamentais construíram casas populares de alvenaria em aldeias indígenas Terena e de outras etnias do MS. Em Aquidauana mais especificamente, muitos indígenas vivem nestas casas populares recebidas, mas, por dificuldades de adaptação, não desocuparam suas antigas casas de sapé, passando a viver em duas casas ao mesmo tempo.

Recorte discursivo 1



A oposição entre casa de palha e casa de telha lembra-nos a clássica história dos três porquinhos em que as casas são construídas com estruturas e materiais diferentes: palha, pau e pedra. Na versão aceita como original, e amplamente divulgada para as crianças da cultura ocidental, os dois porquinhos menores são devorados quando suas casas de palha e de madeira são destruídas e apenas o mais velho, cuja casa é feita de alvenaria, escapa devido à natureza da construção empregada, “moderna” e sólida, da sua capacidade de trabalho e de sua sabedoria. Há no interdiscurso a afirmação com grande valor de verdade de que as casas de tijolos são mais fortes, mais bem feitas e, portanto, melhores.

No fragmento em análise, pelo emprego de marcas linguísticas indicadoras de contraposição – a conjunção adversativa *mas* (representada em sua forma coloquial “mais”) – expõe-se os dizeres oriundos de outras regiões de sentido e as filiações do sujeito com as formações discursivas com as quais se identifica. Assim, os enunciados “O forte temporal deixou muito estrago na aldeia *mas* a casa de palha de sapé não teve dano algum” e “A casa de telha avoou de todos os lados *mas* a casa de sapé ficou segura” expõem uma memória que prioriza e considera melhores as construções e os espaços em que vivem o homem branco e indica outra posição discursiva (em relação à modernidade e ao progresso) que orienta uma conclusão em favor do modo de viver dos índios, segundo o qual as construções de sapé são seguras e não oferecem riscos. Semelhante contraposição se realiza no enunciado “A casa de sapé é muito gostosa de morar, tem seu ambiente muito fresco” que aponta para uma valoração da casa de sapé

não mais como espaço de segurança e, sim, como espaço de acolhimento e conforto em função de sua estrutura material.

Neste recorte, é para o povo Terena, o seu povo, que o sujeito enuncia, utilizando como argumento o ensinamento passado, segundo ele, por seus ancestrais: “nós não temos motivos de nós deixarmos a maneira de nós vivermos. Isso nós aprendemos com os nossos entes queridos, os nossos mestres, os nossos avós” e finaliza seu texto com o enunciado: “deixa coisa dos purutuyê de lado”. Materializa-se discursivamente a disjunção em que os conhecimentos dos Terena se encontram de um lado e, do outro, o conjunto de conhecimentos formado pelos *purutuyê* (homem branco) e põe em evidência a memória discursivizada de que os Terena abandonaram suas raízes e se tornaram “índios urbanos”. Daí a necessária advertência verbalizada pelo sujeito: “deixa coisa dos purutuyê de lado”. “Deixar as coisas dos purutuyê de lado” implica em um retorno às origens e ao passado ancestral que nos remete ao desejo de completude, de controle de si e do outro, como se fosse possível não se misturar, não se mesclar, não se hibridizar. O sujeito enuncia publicamente na rede social Facebook - fazendo uso da escrita em língua portuguesa e a partir de um computador conectado à rede mundial de computadores - a impossibilidade de se recuperar um tempo mítico passado sem as categorias do presente, pois, como afirma Hall (2010, p. 311), “não existe uma enunciação criativa na simples reprodução de formas tradicionais que não sejam transformadas pelas tecnologias e as identidades do presente”. Exibe-se, assim, mesmo que o sujeito não queira, mesmo que busque a manutenção dos valores e modos de vida de seus ancestrais, o esfacelamento da identidade via momento histórico que permite que se problematize a identidade indígena em um espaço tido como novo – a rede social Facebook - e a memória discursiva que busca conservar os modos de vida tradicionais.

Por meio do discurso analisado, depreende-se o funcionamento de, pelo menos, duas diferentes formações discursivas que estão relacionadas entre si por oposição. A primeira formação discursiva em que se pode dizer que os modos de vida do homem branco produzidos pelo desenvolvimento e pelo progresso são melhores que os modos de vida indígena e uma segunda formação discursiva em que se nega essa afirmação, configurando uma relação conflituosa de identificações. Compreende-se que os processos de identificação e de construção de resistências aos poderes instituídos são construídos a partir de relações múltiplas entre a negação e a afirmação dos modos de vida dos povos indígenas.

Considerações Finais

A afirmação de que os índios não são mais índios por que modificaram seus saberes e modos de viver ao longo desses últimos 518 anos, parte de uma concepção essencialista, fixa e estável de identidade. De fato, muitas transformações e (des)aprendizagens dos costumes comunitários e cosmovisões ocorreram nesse prolongado processo de dominação e de contato intenso com a comunidade envolvente.

No entanto, a defesa de uma suposta “identidade original” não se sustenta nem para esse povo, nem para povo nenhum, pois parte de uma incompreensão de que as identidades conformam-se no processo histórico, modificam-se nos encontros e se enriquecem nas trocas interculturais, mesmo que os sujeitos implicados não queiram, mesmo que essas trocas sejam, muitas vezes, forçadas. É a lógica racional ocidental que insiste na busca pela formatação e homogeneização das culturas, no apagamento das diferenças e das singularidades e, no caso dos modos de viver indígenas, na negação de outras formas de compreender o mundo.

No que se refere à busca mítica de uma identidade original que abandone as influências dos modos de vida do branco, a busca por uma identidade do indígena de 519 anos atrás, tem-se que a própria formulação e circulação desses discursos no espaço do Facebook apontam para sua impossibilidade. É a exterioridade, o momento histórico que produz novos regimes de enunciabilidade, fazendo emergir discursos outrora interditados e silenciados pelos procedimentos de exclusão: no *ciberespaço*, o indígena Terena clama publicamente por um retorno impossível a um tempo em que não existia redes sociais, não existia Facebook.

Referências

AZANHA, Gilberto. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.61-111, jul. 2005.

CORACINI, Maria José R. F. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. (Org.). **O desejo da teoria e a contingência da prática**: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira). Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. (Org). **O jogo discursivo na aula de leitura**. Língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. [1969]. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Sin garantías**: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Eduardo Restrepo, Catherine Walsh y Víctor Vich (eds.) Instituto de estudios sociales y culturales Pensar, Universidad Javeriana. Instituto de Estudios Peruanos , Universidad Andina Simón Bolívar, sede Ecuador, Envión Editores, 2010.

PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas: Pontes, 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Linguagem e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.21-45.

VARGAS, Vera Lúcia. **A dimensão sociopolítica do território para os Terena**: as aldeias no século XX e XXI. RJ: UFF, 2011. (tese de doutoramento).